

Gwenaëlle Aubry & Frédérique Ildefonse (coords.), *Le moi et l'intériorité*, Paris, Vrin, 2008, 384 pp., ISBN: 978-2-7116-2166-8

EDUARDO MACHADO⁹

CEC, Uni. de Lisboa / Bolseiro FCT — doutorando da Université de Rouen

Alguns dos mais prestigiosos especialistas na área da psicologia e da filosofia antigas colaboraram nesta obra que lança as bases de um estudo aprofundado de aspectos relacionados com as noções de “eu”, “interioridade”, “pessoa” e “identidade” na antiguidade.

Os autores concentram-se numa problemática de J. P. Vernant¹⁰, famoso historiador e antropólogo que consagrou grande parte da sua vida ao estudo da especificidade do homem grego e dos seus mitos. A partir de uma classificação dos géneros literários em a) biografia=indivíduo; b) autobiografia ou memórias=sujeito; e c) confissões ou diários=o “eu”, Vernant nota que o último género, baseado em experiências psicológicas complexas de uma “vida interior”, é simplesmente inexistente na literatura grega, o que o leva a concluir que o “eu” grego não se constrói “*ab interiore*”, mas encontra-se sempre orientado para o exterior. Nega-se assim a possibilidade de aplicação da conceção moderna do “eu”, expressa na relação estreita e unificadora entre o “eu” e o seu “interior”.

O desafio é lançado. Que conceitos alternativos estarão na base da construção da identidade do homem antigo em geral?

A esta luz, os autores questionam-se na primeira parte desta coletânea de dezoito artigos sobre a suposta ausência do **conceito de “eu”** na antiguidade e tentam, numa segunda parte, esboçar, seguindo o desafio lançado por Vernant, uma possível **história das problematizações do interior**.

⁹ macheduardo@googlemail.com

¹⁰ Esta problemática que Gwennaëlle Aubry explica sumariamente na introdução desta obra (pp. 9-11) é lançada por Jean-Pierre Vernant na sua obra *L'individu, la mort, l'amour. Soi-même et l'autre en Grèce ancienne* (Paris 1989), 211-232

Uma reflexão sobre a história da solidão (Loyalza) abre o conjunto de estudos que se baseiam em alguns autores considerados fundamentais para o estudo do “eu”, como por exemplo **Plotino** cujo conceito de — *hemeis* — revela automaticamente um sujeito autoreflexivo distinto da alma e uma manifestação de tomada de consciência não da essência, mas da possibilidade de autodeterminação (G. Aubry); e de conhecimento de si próprio através da memória e pela ação do “intelecto” (W. Kühn). Por seu turno, S. Tribolet apresenta uma leitura lacaniana de Plotino, assente nos conceitos de imagem e linguagem, estabelecendo um paralelo interessante entre — *hemeis* plotiniano — e sujeito lacaniano. **Platão** é outro dos autores privilegiados no que diz respeito à questão da doutrina da tripartição da alma e de uma possível identificação da noção moderna de “eu” com a noção platónica de alma ou de “daimon” (Burnyat). F. Ildefonse estuda a noção estóica de “*idion hegemonikon*” em **Epicteto** e **Marco Aurélio**, tentando definir a abrangência e os limites do elemento diretor do “eu”, nomeadamente na relação com o “outro” e com o cosmos e C. Gill põe em relevo as noções de *introspeção* e de *conversão a si próprio* como exemplos de exercícios terapêuticos práticos introduzidos pelo pensamento helenístico e romano, questionando a sua influência efetiva numa eventual passagem (aliás defendida por outros prestigiados estudiosos como Pierre Hadot et Michel Foucault) entre o que Gill classifica de conceção “objectiva-participante” dominada pela relação indivíduo-comunidade e uma conceção mais próxima da psicologia moderna (p. 84). **Santo Agostinho** e a sua noção de “mestre interior” representam um marco importantíssimo na história da evolução da interioridade e têm também um lugar crucial nesta obra pela análise dos discursos sobre o “eu” e as relações tecidas com o “outro” nas *Confissões* (G. O’Daly) e do significado da fórmula agostiniana de “hiper-interioridade”: “*interior intimo meo*” (I. Koch).

Na segunda parte da obra, tenta-se identificar e especificar alguns marcos importantes na evolução da interioridade. Destaco

dois estudos importantes. Um de Darbo-Peschanski sobre a dualidade do ato (humano-divino) na *Ilíada* e a dualidade do personagem homérico que é sempre concebido como um agente essencialmente social (p. 253). Outro onde Aubry procura esboçar uma história do conceito de "*daimon*" como objectivação da interioridade, mediação interior-exterior.

À exceção de dois artigos dedicados, um às noções aproximadas de coração e de alma nas traduções espanholas do vocabulário ameríndio (A. Surrals) e um outro à influência da figura de Lutero na evolução da ideia de "interioridade" (P. Büttgen), todos os ensaios são consagrados ao estudo da interioridade na Antiguidade clássica.

A presente obra revela-se fundamental para os classicistas, pois abre novos horizontes a um campo de investigação recente cujo carácter interdisciplinar se impõe à medida que surgem novas problemáticas à volta da questão da "interioridade". Os autores, não sem algumas dificuldades epistemológicas, tentam evitar a aplicação direta de noções herdadas da psicologia moderna à antiguidade clássica, o que por vezes se torna difícil ou mesmo incontornável dado o terreno virgem que procuram explorar e o carácter complexo do projeto em questão. É nesta perspectiva que os autores nos apresentam uma abordagem conceptual interdisciplinar onde a literatura, a filosofia, a antropologia e a psicologia se encontram interligadas e interdependentes. Por outro lado, a complementaridade dos temas abordados contribui para um diálogo entre os autores que tratam da mesma problemática sob ângulos diferentes, definindo-a e alargando-a. Assim, as variadas leituras não perdem em objectividade dado que as análises ganham em coerência, girando à volta dos mesmos autores e problemáticas.

Por fim, a bibliografia apresentada guia o leitor na identificação dos especialistas e na descoberta e exploração do carácter multifacetado das problemáticas relacionadas com a interioridade.

Estamos, então, perante uma verdadeira referência na matéria, que esperamos ser desenvolvida e aprofundada por renovadas contribuições pluridisciplinares num futuro próximo.

M. L. Mújica Rivas, *El concepto de educación de San Agustín*. Pamplona, Eunsa, 2010, 318 pp., ISBN: 978-84-313-2718-7

EDUARDO MACHADO¹¹

CEC, Universidade de Lisboa / Bolseiro FCT — doutorando da Un. de Rouen

Esta obra é o resultado de uma tese de doutoramento sob a direção de J. Laspalas, coautor de uma notável história da educação na antiguidade¹². Neste ambicioso estudo, Mújica Rivas apresenta-nos uma análise detalhada das noções educativas que formam o alicerce do pensamento pedagógico de Santo Agostinho.

Num primeiro momento, a autora constata a inexistência de um conceito preciso de educação no pensamento agostiniano e tenta em seguida inferir as bases desse conceito a fim de atingir uma possível definição de educação. A originalidade do trabalho reside num amplo estudo linguístico e conceptual dos termos: *educatio, educare, educere, disciplina, doctrina, formatio e formare*. Este estudo abrange a totalidade da obra no caso da ocorrência das formas simples e conjugadas dos verbos *educare* e *formare*. No entanto, no que diz respeito aos termos *disciplina* e *doctrina*, a autora seleccionou algumas obras¹³ segundo critérios específicos, anível temático e cronológico, tentando delinear uma evolução da conceção de educação. Trata-se nomeadamente de obras de diferentes períodos característicos da evolução do pensamento de santo Agostinho, como a sua conversão, a sua ordenação (*Contra Academicos, De beata vita, Soliloquia*, etc.), ou ainda o período de maturidade intelectual onde o carácter transcendental se encontra mais presente (*Confessiones, De Trinitate e De civitate Dei*); temas morais (*De mendacio, De continentia* etc.) e naturalmente temas educativos

¹¹ macheduardo@googlemail.com

¹² Redondo, E. y Laspalas, J., *Historia de la Educación I. Edad Antigua*, Madrid, Dykinson, 1997

¹³ Ver lista de obras consultadas e critérios p. 33-38